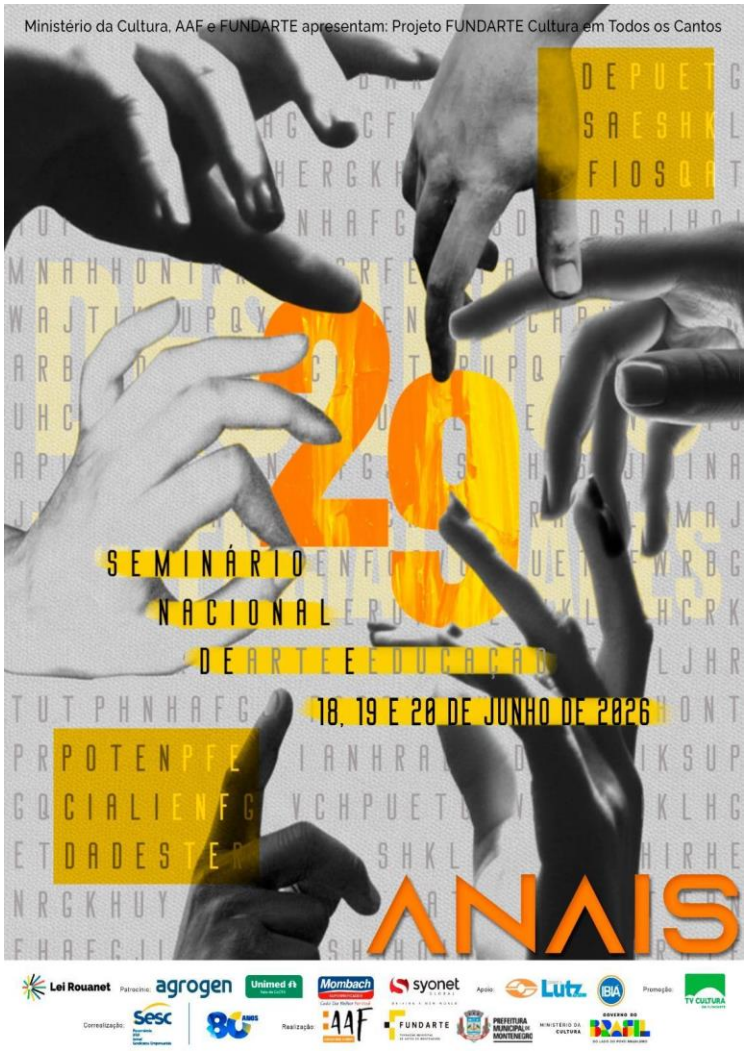


GUERRILLA GIRLS: UMA NÃO É SUFICIENTE! CITACIONISMOS COMO DISPOSITIVO DE QUESTIONAMENTO DA HISTÓRIA DA ARTE (DO HOMEM)

PESQUISA EM ANDAMENTO

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade.

Heloísa Soares Aparecido
Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/Paraná, Brasil

Giulia Conzentino
Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/Paraná, Brasil

João Paulo Baliscei
Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/Paraná, Brasil

Eixo temático: Violência

APARECIDO, Heloísa Soares; CONZENTINO, Giulia; BALISCEI, João Paulo. GUERRILLA GIRLS: UMA NÃO É SUFICIENTE! CITACIONISMOS COMO DISPOSITIVO DE QUESTIONAMENTO DA HISTÓRIA DA ARTE (DO HOMEM). **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Montenegro,e1941, Ano 2026.

Resumo

A História da Arte tem sido um grande exemplo da dominação do ponto de vista masculino, onde artistas mulheres são apagadas, oprimidas e esquecidas. Entretanto, existem nomes contemporâneos que questionam e criticam esse enviesamento, como o grupo contemporâneo *Guerrilla Girls*, formado em 1985, em Nova York (EUA), por artistas mulheres anônimas. As *Guerrilla Girls* se comprometem, junto a outras artistas feministas, a lutarem pela sua visibilidade e a questionarem os cânones da História da Arte (do homem). Para isso, criam produções artísticas criticando instituições pela falta de representatividade feminina. Nessa pesquisa, nos debruçamos sobre as produções artísticas do grupo estadunidense, destacando-as e as analisando a partir do ponto do conceito de Citacionismo. Sendo assim, tomamos como objetivo: analisar as obras do grupo artístico contemporâneo anônimo *Guerrilla Girls,* articulando algumas de suas produções com o citacionismo e com os estudos feministas voltados à Arte-educação. Para isso, utilizamos como base teórica os estudos de Ana Mae Barbosa (1998; 2019), a respeito de citacionismo e feminismo voltado à Arte-educação. Concluímos que assim como afirmam as artistas em uma de suas produções, "Uma não é o suficiente", e que para de fato subvertermos a História da Arte (do homem), precisamos dar destaque a muitas outras artistas mulheres apagadas pela visão masculina.

Palavras-chave: Estudos feministas. Arte Contemporânea. Leitura de imagem.

História da Arte (do homem)

"História da arte, pênis com pincel
Famosos, vintage, sem *pixel*, com papel
Da Vinci, Boticelli
El Bosco, Caravaggio
Rubens e Ticiano
El Greco e Velásquez"
(*Las Bistecs*, 2016, tradução nossa[1])

A dupla espanhola "*Las Bistecs"*, em sua música *HDA (historia del arte)*, satiriza, como o próprio título da canção indica, a História da Arte, mostrando seu lado repetitivo focado em artistas homens, em sua maioria já mortos. Da Vinci, Botticelli, El Bosco, Caravaggio, Rubens, Ticiano, El Greco e Velázquez foram

[1] Trecho da música *HDA (historia del arte)* (2016), da dupla espanhola *Las Bistecs,* tradução nossa. Disponível em: https://youtu.be/rwMdR6scTeI?si=tL0fS_KMPsIgNA02. Acesso em: 23 dez. 2025.

alguns dos nomes citados pelas artistas na canção, como exemplos que comprovam a ideia de que a História da Arte se resume, como afirmam, ao "pênis com pincel". A partir do Modernismo, a conquista do espaço artístico pelas mulheres se tornou evidente, de modo que, na Contemporaneidade, durante as aulas de História da Arte referentes a este movimento, nomes femininos são reconhecidos, lembrados e celebrados. Entretanto, quando as aulas se voltam para movimentos e períodos que antecedem o século XX, poucos nomes femininos são reconhecidos e, como destacam as artistas espanholas, sobressaem-se artistas homens. As artistas não expressam seu descontentamento com a "mesmice" da História da Arte apenas no trecho destacado. Nas palavras da dupla: "Picasso/ Oh não, outra vez você / Oh não, outra vez Warhol/ Oh não, outra vez você/ Oh não, outra vez Tàpies/ Oh não, outra vez você/ Oh não, outra vez Goya/ Oh não, outra vez você/ Oh não, outra vez você" (*Las Bistecs*, 2016, *tradução nossa*)

Os diversos exemplos de nomes masculinos trazidos por *Las Bistecs* não fogem da experiência média de uma aula de História da Arte referente aos movimentos anteriores ao século XX. Nesses períodos, ser homem se tornou uma espécie de "pré-requisito" para o reconhecimento e para o sucesso, o que resultou em mulheres artistas desencorajadas, esquecidas e oprimidas. *Las Bistecs* denunciam o enviesamento de gênero da História da Arte, e mostram que no ponto de vista histórico, dominado pelo olhar masculino, a forma de uma mulher ser reconhecida na Arte seria apenas mediante ao seu trabalho como modelo representada. Essa concepção é criticada pelas cantoras que, na música, citam repetidas vezes as pinturas *A Maja nua* (1800) e *A Maja vestida* (1805) do artista espanhol Francisco de Goya (1746-1828), demonstrando o viés erotizado sob o qual as mulheres têm sido submetidas nas imagens artísticas e da cultura visual. A construção da canção se torna uma representação direta da proporção de destaque dada aos homens em comparação às mulheres. Nela, são listados dezesseis nomes de artistas homens: Da Vinci, Botticelli, El Bosco, Caravaggio, Rubens, Ticiano, El Greco, Velásquez, Cézanne, Monet, Manet, Seurat, Picasso, Warhol, Tàpies e Goya. Em contrapartida, há apenas um nome feminino: Cecília, mulher que segundo as cantoras levantou-se e plantou um pinheiro. Numa batalha de representação de gênero, são, portanto, 16 contra uma.

Nesse caso, contudo, vale sublinhar que as cantoras não celebram os dezesseis nomes masculinos listados. Ao contrário, elas protestam, e os chamam de “chatos” (*Que pesao*), evidenciando o tédio que essa repetição tem proporcionado. Em especial, a expressão “Oh não, outra vez você” (*Oh no, outra vez tu)*, que inclusive integra parte do título deste artigo, aponta para aquilo que já foi visto muitas vezes, vezes o suficiente para se tornar saturado, desinteressante e óbvio: o protagonismo masculino na História da Arte.

A denúncia cantada pelas artistas espanholas é reiterada no campo da pesquisa acadêmica, como vemos, por exemplo, no livro *Tópicos Utópicos* (1998), de Ana Mae Barbosa. Os questionamentos que a autora lança sobre uma suposta “História da Arte (do homem)” sublinham o apagamento e a ausência de menção de artistas mulheres. A autora exemplifica esse processo em análise do livro *História da Arte*, de Gombrich (1909-2001), que não menciona nenhum nome de mulher artista e pesquisadora, o que contribui para a invisibilização da produção artístico-cultural feminina e limita o instrumental teórico deste grupo não-hegemônico que historicamente é marginalizado social, artístico e politicamente.

Nesse sentido, nesse texto submetido ao 29º Seminário Nacional de Arte e Educação, organizado pela Fundação Municipal de Artes de Montenegro (FUNDARTE), pretendemos valorizar expoentes femininos da História da Arte. O objetivo é analisar as obras do grupo artístico contemporâneo anônimo *Guerrilla Girls,* articulando algumas de suas produções com o citacionismo e com os estudos feministas voltados à Arte-educação.

Como recorte e foco para a seleção de imagens analisadas por nós, priorizamos aquelas que dialogam com a prática do citacionismo. Barbosa (1998) define como citacionismo o fenômeno de apropriação de imagens já elaboradas, característico do processo de criação de uma nova imagem. A autora argumenta que, na contemporaneidade, citacionismos são frequentemente utilizados por artistas como forma de criticar, homenagear ou satirizar outras obras realizadas anteriormente, criando uma espécie de História da Arte alternativa àquela divulgada e consolidada como “a correta”, “a oficial”. Nas palavras da autora:

> Hoje, a arte contemporânea, por alguns chamada de pós-moderna, explora o mundo das imagens produzidas anteriormente como referências, isto é, os artistas hoje usam as imagens dos outros como referência, mas tornam explícito para o observador este uso. É como usar em primeira pessoa um pronome de terceira pessoa, sem destruir a identidade do outro. (Barbosa, 1998, p. 67).

Para além de um fenômeno estético e formal, o citacionismo atua, portanto, também como um dispositivo de disputas contemporâneas, a partir das quais os e as artistas engendram outros significados e provocam enfrentamentos às visualidades já (re)conhecidas. O citacionismo possibilita que gênero, raça, etnia, sexualidade e demais questões identitárias sejam problematizadas por sujeitos que, histórica e socialmente, têm sido marginalizados pela História da Arte.

Atualizações de imagens da História da Arte (do homem)

Em encontro com as ideias reforçadas por *Las Bistecs*, e dialogando com a prática conceituada por Ana Mae Barbosa, retomaremos a música analisada na introdução deste artigo, destacando três produções artísticas do grupo fundado em 1985, *Guerrilla Girls: Uma não é o suficiente, Museu Van Gogh* (2017), *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum?* (1985) e *Primeiro querem acabar com o direito de escolha da mulher… Agora, estão censurando a arte* (1991). O grupo, que é marcado pelo intenso combate ao sexismo, desigualdade de gênero e racismo, é formado por um coletivo de mulheres artistas que, usando uma máscara de gorila como elemento característico, questionam a lógica patriarcal e excludente no âmbito artístico.

Na primeira obra de *Guerrilla Girls* que analisamos, uma vídeo-arte[2], o Museu Van Gogh, em Amsterdam, Holanda, tornou-se alvo de críticas, especificamente em relação à exposição *Os holandeses em Paris: 1789-1914*, realizada entre 2017 e 2018. A denúncia feita pelo grupo *Guerrilla Girls* mostra justamente o apagamento sofrido pelas mulheres no âmbito artístico, destacando que, entre os 1135 artistas holandeses que viajaram a Paris para estudar e trabalhar, 68 eram mulheres, o que corresponde a apenas 5,9%. Na exposição realizada em Amsterdam, além das produções do artista neerlandês Van Gogh (1853-1890), trezentas outras obras

[2] *Guerrila Girls*, Uma não é o suficiente, Museu Van Gogh (2017) (tradução nossa). Disponível em: https://youtu.be/QV6Qj8iTPUg?si=Oz8TSVCpDLanoXeM. Acesso em: 22 jan. 26.

foram escolhidas para a exibição, entretanto, entre elas, apenas uma havia sido produzida por uma mulher. Em outras palavras, em 2017, o Museu Van Gogh atualizou uma porcentagem já desequilibrada, intensificando sua desigualdade, já que na referida exposição, a representatividade de artistas mulheres foi de 0,33%.

Na Figura 1, destacamos a produção *Uma não é o suficiente, Museu Van Gogh* (2017), que, através do citacionismo, apropria-se de outra imagem, intitulada *Interior do Estúdio de Van Dael e suas alunas na Sorbonne* (1816) do artista belga Philippe-Jacques van Bree (1786-1871). A imagem citada, também em destaque na Figura 1, em comum com a exposição de 2017, tematiza a viagem dos artistas holandeses, iniciada no século XVIII. Em ambas as obras, percebemos a presença de diversas mulheres em um ateliê, nesse caso, não apenas como modelos, mas como artistas. O grupo se apropria da pintura de van Bree, tomando-a como base, e destaca cada uma das artistas retratadas, expondo o enviesamento de gênero enraizado na História da Arte (do homem).

Como afirmam as artistas, na vídeo-arte, "Em todos os períodos da História, sempre existiram artistas mulheres. Algumas foram silenciadas, outras esquecidas" (tradução nossa). *Guerrilla Girls* denunciam a forma com que essas artistas foram oprimidas, apagadas e descartadas durante suas tentativas de seguir carreira no meio artístico, e as representam como aliadas na luta por reconhecimento. Na versão do grupo, as mulheres retiradas da obra citada, de van Bree, são mascaradas com imagens de gorilas. Tradicionalmente, *Guerrilla Girls* têm adotado as máscaras de gorila como elemento de sua identidade visual e, ao mascararem as mulheres artistas da pintura de van Bree, colocam-nas como aliadas em sua luta. Como uma espécie de ritual de iniciação e de pertencimento ao grupo. Além disso, as mulheres mascaradas na obra compartilham uma fala, como um coro, "Uma não é o suficiente!"[3] (tradução nossa). É possível interpretar, portanto, que as *Guerrilla Girls* adotam essas mulheres artistas como parte do seu grupo e protestam, com elas, criticando o museu por sua discrepância na representatividade feminina na exposição *Os holandeses em Paris: 1789-1914*, realizada em 2017.

[3] *One is not enough!*

Figura 1 - Uma não é o suficiente, Museu Van Gogh (2017)



Fonte: Uma não é o suficiente, Museu Van Gogh (2017) (tradução nossa), de Guerrilla Girls, videoarte. Museu Van Gogh. Interior do Estúdio de Van Dael e suas alunas na Sorbonne (1816), de Phillipe-Jacques van Bree, óleo sobre tela, 124,5 x 155,3 cm. Museu de Arte de Worcester. Imagens disponíveis na Internet. Montagem nossa.

Como vemos na Figura 1, o citacionismo funciona, portanto, como potencialidade criativa e contestadora. Este fenômeno é experimentado quando o ou a artista problematiza uma obra específica, citando-a (Barbosa, 1998). Desta forma, novos significados são elaborados, percebam que a imagem-fonte atua não como atalho, sintoma de uma suposta "limitação criativa", mas como potencialidade criativa e evidência de bagagem e repertório cultural. Com isso, avaliamos que o citacionismo abre passagens para a exploração e para o questionamento de temas sociais, políticos, decoloniais, de gênero, sexualidade, estéticos e artísticos de formas profundas. Para abordar assuntos de relevância popular e a partir de perspectivas divergentes da hegemônica, os e as artistas partem do que já foi construído e consolidado pela História da Arte, sobretudo, apropriando-se de obras associadas a estruturas opressoras, e as rearticulando criticamente.

Seguindo esse viés, a segunda obra de *Guerrilla Girls* que analisamos é *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum?* (1985) (tradução nossa), um poster decorrente de uma impressão digital sobre papel. Nessa obra, as *Guerrilla Girls* fazem citação direta à pintura *A Grande Odalisca* (1814), do artista francês Jean-Auguste-Dominique Ingres (1780-1867), conforme demonstramos na Figura 2. No cartaz criado pelo grupo feminista, questiona-se a abordagem sexista e desigual que os museus tomam em relação às mulheres, assim como fazem em *Uma não é o suficiente, Museu Van Gogh* (2017), outra obra citacionista. O poster, contudo, além de citar a obra de Ingres, é, também, citado pelo grupo em obras posteriores, realizando uma espécie de metacitacionismo, como vemos na versão *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?* (2017). Com isso, voltam-se para os dados da pesquisa levantados pela primeira vez no *Metropolitan Museum*, atualizando-os outras vezes e levando-os para outros contextos de outros países, como o Brasil, por exemplo, na quarta produção citada em destaque na Figura 2. Vale mencionar que mesmo *A Grande Odalisca* participa de uma cadeia de citações, incluindo a pintura *Retrato de Madame Récamier* (1800), do francês Jacques-Louis David (1748-1825). No livro *Guerrilla Girls: Gráfica 1985-2017,* organizado a partir da curadoria de Adriano Pedrosa e Camila Bechelany (2017), apresenta-se a tradição que o grupo tem de criar a partir de cartazes contestatórios. "O discurso bem-humorado das GG se articula com questões mais abrangentes e profundas em relação ao eurocentrismo,

ao privilégio branco, à heteronormatividade e ao domínio masculino" (Pedrosa; Bechelany, 2017, p.3).

Figura 2 - ***As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum?***



Fonte: As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum? (1985) (tradução nossa), de Guerrilla Girls, cartaz, 28 x 71 cm. The Metropolitan Museum of Art. A Grande Odalisca (1814), de Jean Auguste Dominique Ingres, óleo sobre tela, 88,9 x 162,5 cm. Museu do Louvre. Retrato de Madame Récamier (1800), de Jacques-Louis David, óleo sobre tela, 173 x 243 cm. Museu do Louvre. As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? (2017), de Guerrilla Girls, cartaz, 32 x 73 cm. Museu de Arte de São Paulo. Imagens disponíveis na Internet. Montagem nossa.

Por fim, voltamo-nos para o terceiro trabalho em que *Guerrilla Girls* fazem citacionismo, a obra *Primeiro querem acabar com o direito de escolha da mulher… Agora, estão censurando a arte* (1991), uma série de *outdoors.* Nessa produção, citam a pintura *Mona Lisa* (entre 1502 e 1506), do italiano Leonardo Da Vinci (1452-1519). Na versão criada por *Guerrilla Girls*, a imagem da personagem icônica é modificada com uma folha de figueira que lhe tapa a boca, a fim de questionar a censura na Arte, referindo-se, a um contexto específico: o corte de financiamento para artistas e controvérsias do *National Endowment for the artists* (NEA). Nos *outdoors* em questão, como demonstramos na Figura 3, as participantes do grupo manifestam resistência à tentativa de censura e controle dos corpos e sexualidades femininos, respondendo à iniciativa de restringir o direito ao aborto.

Figura 3 - Primeiro querem acabar com o direito de escolha da mulher… Agora, estão censurando a arte (1991)



Fonte: Primeiro querem acabar com o direito de escolha da mulher… Agora, estão censurando a arte (1991), de Guerrilla Girls, outdoor, dimensões variáveis. Nova York, EUA. Monalisa (1506), de Leonardo da Vinci, óleo sobre tela, 77 x 53 cm. Museu do Louvre. Imagens disponíveis na Internet. Montagem nossa.

Nesse ponto, notamos alguns elementos em comum nas imagens criadas pelo grupo de artistas ativistas *Guerrilla Girls*: Além da temática feminista e do uso do citacionismo como disparo criativo, as artistas retomam imagens criadas a partir de perspectivas masculinas e europeias e as reapresentam em composições que interessam outros grupos identitários, nesse caso, as mulheres. Com isso, dialogam

com aquilo que Dilson Rodrigues Midlej apresenta acerca do citacionismo em *Anticlassicismo da apropriação de imagem no tempo presente* (2020). O autor defende que a prática do citacionismo é fundamental para a contraposição de valores entre diferentes temporalidades, sendo usado como ferramenta crítica-reflexiva, anti-classicista e sociopolítica por artistas contemporâneos e contemporâneas. A Arte Contemporânea, portanto, recorre ao citacionismo e a apropriação que lhe é característica para problematizar paradigmas históricos, sociais, culturais, de gênero e raciais que se mantêm enraizados em um pensamento popular distorcido pela classe dominante. O autor discorre que:

> Como o presente se modifica constantemente do ponto de vista do saber - tanto por meio da criação artística, quanto dos estudos reflexivos enfocando as artes visuais - a relação que se estabelece entre o tempo atual e o passado histórico consolida-se como processo ativo em que o conhecimento presente ajuda a descortinar e modificar os pontos de vistas sobre os "vários passados", influenciando epistemologicamente o campo artístico (Midlej, 2022, p. 274).

Considerações finais

Diante do exposto até aqui, compreendemos a prática artística contemporânea do citacionismo como uma ferramenta política de ressignificação de convicções já estabelecidas. Conforme defendido Midlej (2020), esse é um recurso capaz de confrontar valores oriundos de diferentes temporalidades, configurando-se como um instrumento crítico-reflexivo e anti-hegemônico adotado por artistas contemporâneos e contemporâneas. Nesse sentido, a Arte Contemporânea recorre ao citacionismo e aos processos de apropriação e reelaboração que lhes são característicos para problematizar paradigmas compositivos, conceituais, históricos, sociais, culturais, sexuais, de gênero, raciais, entre outros, que se mantêm enraizados em concepções construídas e sustentadas por estruturas patriarcais e hegemônicas.

Diante do exposto, seguindo a linha defendida por Midlej (2020) e por Barbosa (1998), podemos afirmar que esse trânsito de imagens e valores históricos experimentados a partir da prática do citacionismo é, também, um fenômeno político, que possibilita ressignificar imagens já reconhecidas a partir de

perspectivas dissidentes da lógica de opressão do patriarcado, por exemplo. Essas práticas, nas palavras de Midlej (2020, p.274), "[...] evidenciam a apropriação de imagem, cujas reflexões alteram e modificam a história estabelecida". Sob esse viés, a produção artística e científica pós-moderna pode ser percebida como dispositivos operando no deslocamento de paradigmas sociais e que promovem um conjunto de questionamentos que visibilizam narrativas marginalizadas.

Por conta disso, destacamos a importância da continuidade de pesquisas como esta, que reconhecem e evidenciam a potência poética e criativa de artistas que mobilizam narrativas de resistência em contraposição àquilo que foi historicamente consolidado como prestigioso na História da Arte (do homem), bem como de outras investigações voltadas para temáticas dissidentes e socialmente marginalizadas.

Nas considerações finais, visibilizamos outro estudo de Barbosa, a *Introdução* do livro *Mulheres não devem ficar em silêncio* (2019). A autora levanta problemáticas em relação ao apagamento feminino no âmbito cultural e artístico, sofrido por diversas mulheres que contribuíram para a sociedade em âmbitos artísticos, políticos, educativos, etc. Afirma que a falta de textos, estudos e pesquisas em relação às contribuições femininas no meio cultural, em especial, é responsável pela obliteração de sua relevância intelectual. Portanto, desenvolver pesquisas que evidenciem, destaquem e reconheçam a relevância de movimentos como os debatidos ao longo deste trabalho é fundamental para o enfrentamento da violência de gênero, apagamento e desvalorização característicos da História da Arte (do homem).

O interesse por elaborar estudos nessa perspectiva tem sido demonstrado, na tradição do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI, vinculado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Criado em 2019, o Grupo ARTEI realiza pesquisas, organiza publicações e oferece exposições que, em comum, tematizam a Arte-educação e os modos como as imagens criam significados. A reflexão que elaboramos neste texto, em especial, articula-se com outras que, em comum problematizam concepções de gênero, como se vê, por exemplo, no texto *A pintura Menino Azul (1770): citacionismo artístico e a construção visual das masculinidades* (Baliscei, 2024).

Embora seja de grande relevância a discussão acerca das obras do coletivo de artistas contemporâneas *Guerrilla Girls* - que evidenciam as desigualdades de gênero presentes na História da Arte (do homem) - abordar apenas um dos grupos femininos que problematiza essa temática não é suficiente (!) - tal como enfatizado em uma das produções do próprio grupo. Nenhuma artista ou coletivo, isoladamente, é capaz de representar a pluralidade das experiências e reivindicações femininas no campo artístico. Para enfrentar, de maneira mais efetiva, a insuficiência da representatividade de gênero e o protagonismo masculino da História da Arte (do homem), bem como para a construção de um campo artístico mais plural, inclusivo e representativo, consideramos ser necessário ampliar a visibilidade de artistas, grupos e movimentos que desafiam as perspectivas patriarcais e expõem narrativas historicamente marginalizadas. Por isso, finalizamos essa escrita, mencionando nome de artistas brasileiras cuja produção nos interessa e nos impulsiona a permanecer pesquisando e conhecendo alternativas à História da Arte (do homem): Adriana Varejão (1964-); Ana Flávia Cavalcanti (1982-); Ana Teixeira (1957-); Bárbara Wagner (1980-); Berna Reale (1965-); Helô D'Angelo (1995-); Laerte Coutinho (1951-); Lyz Parayzo (1994-); Mayara Ferrão (1993-); Monica Piloni (1978-); Nazareth Pacheco (1961-); Regina Silveira (1939-); Rosana Paulino (1967-); Rosângela Rennó (1962-); Sandra Cinto (1968-).

Referências:

BALISCEI, João Paulo. A pintura Menino Azul (1770): citacionismo artístico e a construção visual das masculinidades. **Domínios da Imagem**, Londrina, 18, 1–22, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.5433/2237-9126.2024.v18.50179. Acesso em: 05 de jun. de 2026.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. 2. ed. 2. reimpr. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Introdução. *In:* BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio**. São Paulo: Cortez, 2019, p.11-20.

MIDLEJ, Dilson Rodrigues. Anticlassicismo da apropriação de imagem no tempo presente. MODOS. **Revista de História da Arte**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 272–287, maio 2020. Disponível em: https://doi.org/10.24978/mod.v4i2.4550. Acesso em: 25 dez. 2025.

PEDROSA, Adriano; BECHELANY, Camila. **Guerrilla Girls:** Gráfica 1985-2017. São Paulo: MASP, 2017.

Nome da Autora: Heloísa Soares Aparecido

Minibiografia: Estudante do curso de licenciatura em artes visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), formada como técnica em administração pelo CEEP - Paulo Renato Souza, na modalidade de ensino técnico integrado. É, também, integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI, vinculado ao Projeto de Pesquisa 'Imagens criadas com Imagens: Arte, Educação e Cultura Visual' (589/2025).
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2854392214110598.
E-mail: ra143085@uem.br

Nome da Autora: Giulia Conzentino
Minibiografia: Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá - UEM). É bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/ Subprojeto: Interdisciplinar (Pedagogia Campus Sede, Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) financiado pela CAPES/CNPq. É, também, integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI, vinculado ao Projeto de Pesquisa 'Imagens criadas com Imagens: Arte, Educação e Cultura Visual' (589/2025).
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6510722370627123
E-mail: ra138519@uem.br

Nome do Autor: João Paulo Baliscei
Minibiografia: Arte-Educador. Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá – UEM, com estudos na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona, Espanha. É professor no curso de Artes Visuais na UEM. É coordenador do Subprojeto Interdisciplinar (Pedagogia Campus Sede, Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela CAPES/CNPq. Além disso, desde 2019, coordena o Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI. Desenvolve pesquisas sobre Arte-educação, Estudo da Cultura Visual, Estudos Culturais e Práticas de Imagens Criadas com Imagens.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6980650407208999
E-mail: jpbaliscei@uem.br